

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

NOTÍCIAS DA ACTIVIDADE CULTURAL. III SEMINÁRIO DE ARQUEOLOGIA DO NOROESTE PENINSULAR. MEGALITISMO NO NORTE DE PORTUGAL. NOVOS ELEMENTOS.

JORGE, Vítor Manuel Oliveira

Ano: 1984 | Número: 94

Como citar este documento:

JORGE, Vítor Manuel Oliveira, Notícias da Actividade Cultural. III Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular. Megalitismo no Norte de Portugal. Novos elementos. *Revista de Guimarães*, 94 Jan.-Dez. 1984, p. 263-299.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Megalitismo no Norte de Portugal: Novos Elementos (*)

Por VÍTOR OLIVEIRA JORGE

1. OS MONUMENTOS MEGALÍTICOS DO NORTE DE PORTUGAL: UM BALANÇO CRÍTICO

Começaremos este trabalho apresentando um conjunto de reflexões que o estado actual das investigações sobre o megalitismo do Norte de Portugal nos sugere:

- Os monumentos sepulcrais cobertos por uma mamoa são extremamente abundantes no Norte de Portugal, onde constituem elemento típico das paisagens dos *plateaux* graníticos; considerando apenas a área a norte do Douro, podemos dizer que o seu número actual excede largamente o milhar;
- A extrema ruína das estruturas propriamente funerárias que essas mamoas contêm, e o pequeno número de escavações científicas realizadas, não nos permite aplicar a todas a designação de «megalíticas» (embora, por conveniência de exposição, não se faça normalmente tal distinção, sempre que se fala em termos gerais). É certo que se nota, adentro dos monumentos funerários, um acentuado polimorfismo, que (para já não falarmos da existência de mamoas sem qualquer câmara interna), inclui cistas de diversos tipos e dimensões (algumas de grande porte, como, por ex., a cista de S. Bento das Peras, Vizela, ainda com restos de mamoa), pequenos dólmenes de câmara fechada, dólmenes de câmara aberta (alguns com a entrada marcada por «umbrais»), outros com um pequeno «vestíbulo» definido por um par de lajes baixas), e dólmenes de corredor (nuns bem diferenciado, noutros constituindo um prolongamento da câmara, em estreitamento gradual);

(*) A primeira parte deste texto corresponde ao cap. I da parte F da nossa dissertação de doutoramento, citada adiante na nota 10; a segunda foi já publicada na revista *Arqueologia* (n.º 7, Junho de 1983, pp. 23-39), onde o leitor poderá encontrar todas as ilustrações necessárias à completa valorização do texto.

- Esse polimorfismo pode relacionar-se com vários tipos de explicações, que nuns casos serão cronológicas, noutros serão talvez de índole diferente, em relação com a estrutura da sociedade dos construtores, o ritual funerário e outros aspectos simbólicos. O facto de não conhecermos o espólio primário associado a cada um dos tipos funerários, e de dispormos de muito poucos dados de cronologia relativa e absoluta, impede-nos por ora de formular uma teoria explicativa, em termos cronológicos e culturais, de tais monumentos no seu conjunto. Não podemos colocar cada tipo arquitectónico numa escala diacrónica, relacionando-o com um conjunto de artefactos susceptíveis de definir uma fase da evolução cultural; e, *a priori*, nem devemos imaginar tal correlação como sendo tão simples quanto as palavras anteriores parecem sugerir;
- O facto de termos de tratar do megalitismo nortenho — ou, para sermos mais precisos, dos monumentos funerários pré-históricos providos de mamoa desta região do país — como uma realidade blocal, homogénea (que à partida sabemos não o ser) não nos permite ultrapassarmos ilacções de tipo geral, que aqui, mais adiante, recapitularemos. Gostaríamos de ir mais além, de articular cada tipo de monumento com o seu contexto geomorfológico e com uma certa padronização espacial — mas tal é ainda impossível, dado desconhecermos a tipologia da maior parte das estruturas megalíticas, resumidos como estamos, na esmagadora maioria dos casos, a simples mamoas mais ou menos arrasadas pela erosão e por factores de origem humana, e não podendo confiar nas escassas e sumárias plantas levantadas pelos primeiros investigadores, à excepção de G. Leisner;
- A saída do impasse é, obviamente, a do trabalho de campo — agora e sempre determinante —, com escavações sistemáticas de alguns conjuntos de mamoas, permitindo o apuramento de toda a informação ainda recuperável para cada um, e depois a sua comparação progressiva. Imaginamos uma série de equipas, ocupando-se cada uma de um desses conjuntos, trabalhando em articulação, com base num vasto programa de pesquisa (para o qual têm de ser concedidos meios e estabilidade aos investigadores), extensível à vizinha Galiza. Para tal há que continuar a formar futuros especialistas, pois o megalitismo exige, e merece, uma consagração exclusiva, ou pelo menos predominante, se quisermos ultrapassar o estado embrionário dos conhecimentos em que ainda nos encontramos. Tencionamos, neste sentido, continuar ainda por vários anos a investigação sistemática do conjunto da Aboboreira, e retomar a do da Serra dos Campelos (Lousada); mas outros arqueólogos deveriam iniciar trabalho idêntico em conjuntos onde possivelmente até existem monumentos mais bem conservados, como o de Castro Laboreiro, por exemplo. Paralelamente (e esta é uma actividade que estará mais relacionada com um serviço nacional, regionali-

zado, de Arqueologia) dever-se-ia ir elaborando o inventário sistemático dos monumentos existentes, permitindo a sua protecção e uma melhor escolha dos núcleos mais interessantes a investigar detalhadamente. Assim, as perspectivas do estudo do megalitismo do Norte de Portugal — para as quais talvez o trabalho que temos realizado possa servir de plataforma de arranque — dependerão, em larga medida, das possibilidades que as autoridades competentes neste domínio souberem criar à nossa Arqueologia no seu conjunto, definindo se se continua a actuar com base em iniciativas pontuais, ao sabor das boas-vontades, sem a devida continuidade e persistência, ou de forma planificada, a partir de projectos muito concretos e submetidos a um *timing* preciso, possibilitados por infra-estruturas distribuídas equitativamente, por regiões e por épocas.

Após estas palavras de reflexão crítica global, vejamos esquematicamente quais as principais conclusões que, apesar de tudo o que fica dito, podemos retirar do trabalho já realizado sobre os monumentos megalíticos do Norte de Portugal; a nossa ansiedade de saber mais (insatisfação própria de qualquer investigador), não deve fazer-nos esquecer as aquisições já conseguidas.

1. As escavações realizadas, o aspecto superficial de muitas mamoaas, e os cortes produzidos acidentalmente nelas, pela abertura de estradas ou outros motivos, mostram que se trata normalmente de montículos artificiais de terra, com frequência revestidos por uma couraça protectora de lajes imbricadas. Esses montículos, tendo sido essencialmente formados por acumulação de solo vegetal, humoso, pouco consistente, foram sofrendo, com o tempo, um processo de compactação, que lhes diminuiu a altura original, permitindo o afloramento das estruturas dolmênicas, já de si arruinadas por violações. As escavações efectuadas mostram que os sedimentos utilizados nesses montículos são de origem local, tendo provavelmente sido retirados das áreas vizinhas dos actuais monumentos, o mesmo acontecendo com as lajes que constituem as couraças pétreas. Tais sedimentos apresentam por vezes manchas de solo mais escuro e humoso, com uma forma repetida e volume aproximadamente constante, que denunciam o modo como as mamoaas eram construídas: a terra era transportada para o local em prováveis unidades individuais, sendo acumulada contra os esteios da câmara, previamente colocados na posição vertical, razão pela qual tais manchas tendem a apresentar uma inclinação concordante com o declive das «encostas» do monumento. Estes sedimentos contêm por vezes carvões, de variado calibre, os quais podem aparecer em áreas circunscritas, parecendo corresponder a pequenas fogueiras feitas durante a erecção dos *tumuli*, talvez com finalidade ritual «purificadora». Idêntica finalidade poderiam ter queimadas mais extensas, denunciadas por camadas de carvões, e

até pedras carbonizadas, na base de alguns dos *tumuli*, embora se possa pensar que tais camadas se relacionam com a limpeza da vegetação que previamente cobria os locais em que assentaram os monumentos.

2. As couraças pétreas revelaram-se, nos monumentos escavados, como estruturas cuidadosamente elaboradas, com os seus elementos, por vezes, profundamente imbricados, assegurando uma poderosa protecção dos montículos. As lajes, escolhidas certamente pela sua forma propícia, eram encaixadas umas nas outras de modo hábil, mostrando quase sempre uma perfeita adaptação do seu formato ao interstício que iam preencher. Sendo, de um modo geral, de tamanho médio, elas eram às vezes substituídas por lajes de grande porte, capazes de cobrir uma superfície maior, mas não conferindo à couraça uma consistência tão grande como no primeiro caso considerado. Na parte superior das mamoaas, a couraça, a ajuizar pelos monumentos escavados, era normalmente constituída por uma única camada de lajes, repousando sobre um manto de calhaus angulosos, de pequeno tamanho, permitindo um mais sólido assentamento sobre a terra e tapando todos os interstícios; na periferia dos monumentos, a espessura das couraças adensava-se, formando uma verdadeira coroa periférica de contenção do *tumulus*. Não raro, tal coroa era externamente delimitada por grandes lajes oblíquas, formando uma espécie de «fecho» exterior da mamoa.
3. Subjacentes a alguns monumentos escavados, e em contacto com o granito da base, foram encontrados níveis escuros, pouco espessos, cuja análise pedológica revelou um forte conteúdo em matéria orgânica⁽¹⁾. Interpretamo-los como restos de antigos solos superficiais, enterrados sob os monumentos, e constituindo, só por si, um dos mais importantes motivos de interesse dos nossos estudos, pois tais níveis são decerto arquivos da paisagem contemporânea dos túmulos. O seu estudo pedológico detalhado pode revelar quais as condições ambientais que presidiram à sua formação; a sua pouca espessura (mesmo descontando a «amputação» de que podem ter sido alvo aquando das construções, e a compactação que decerto sofreram), parece apontar para a existência de solos antigos pouco fundos nas áreas de implantação dos megálitos, o que pode estar em relação com fenómenos de origem natural ou antrópica, estes últimos, por exemplo, em consequência de desflorestações, que teriam favorecido a erosão e o arrastamento dos solos. Mas, acima de tudo, a análise palinológica de tais solos será certamente rica de ensinamentos sobre a paisagem coeva dos sepulcros, tanto mais que parece que os pólenes se conservam relativamente bem em solos ácidos,

(1) M. A. VALERIANO MADEIRA e J. M. BETTENCOURT MEDINA, Ensaio de aplicação da Pedologia à Arqueologia. O caso das mamoaas da Serra da Aboboreira. Resultados e perspectivas, *Arqueologia*, 4, Dez. 1981, pp. 64-73.

como são os derivados de granitos, em que se encontra a maioria dos nossos monumentos (2). Para além disso, é de acentuar que, em torno de certas câmaras, estes solos enterrados se têm revelado particularmente bem conservados, porque selados por níveis de saibro depositados pelos construtores; carvões que tais solos contenham são susceptíveis de fornecer datas de C14 que, obviamente, representarão um *terminus post quem* para os monumentos. Tal aconteceu com a Mamao 2 de Outeiro de Gregos (Baião), que também revelou, na mesma camada, restos carbonizados de gramíneas (3). Sabendo-se que os carvões encontrados nos *tumuli*, a todas as cotas, podem ter sido «contaminados» pelas raízes que penetram profundamente nas mamoas, ou por carvões já existentes nessas terras antes do seu transporte para os montículos funerários, percêbe-se claramente a importância da análise pelo C14 de carvões encontrados nestes solos enterrados.

4. Vê-se bem, por tudo quanto fica dito, que o estudo das mamoas é de um grande interesse, não só ao nível da compreensão da técnica construtiva, ou da detecção de materiais arqueológicos (fortuitos ou votivos) que contenham, mas também no plano das investigações paleo-ambientais. Um outro aspecto em que os *tumuli* se revelaram de grande importância, foi do ponto de vista da sua função ritual, pois vários factos nos levam a afirmar que os monumentos megalíticos não eram apenas sepulcros, mas também locais de culto, pólos da actividade simbólico-religiosa. Quando existir um maior número de trabalhos que insiram os monumentos numa escavação em área, tal facto tornar-se-á cada vez mais evidente. A própria posição proeminente de muitas das mamoas na paisagem o denuncia; mas, por outro lado, podemos imaginar que o cuidado posto na feitura das couraças pétreas se relacionava, não apenas com um objectivo funcional, mas também com uma intenção arquitectónica (no seu sentido estético e semiológico), isto é, com a vontade de produzir um volume harmonioso inserido no todo da paisagem, mas bem destacado dela; isto, partindo do princípio de que as couraças pétreas, ou pelo menos algumas delas, seriam feitas para serem vistas, não para ficarem enterradas. Uma autora como F. Lynch pôde até falar de «arquitectura paisagística» relativamente a estes monumentos (4). Ora, o simbolismo formal destas construções

(2) Sobre este problema v., por ex. G. W. DIMBLEBY, A review of pollen analysis of archaeological deposits, *Geoarchaeology*, Londres, Duckworth, 1976, pp. 347-354.

(3) V. O. JORGE, A Mamao 2 de Outeiro de Gregos (Serra da Aboboreira — Baião), *Rev. Guimarães*, XC, 1980, pp. 191-209; A. R. Pinto da Silva, Achados de origem vegetal nas explorações arqueológicas realizadas em Baião de 1978 a 1981, *Arqueologia*, 5, Junho 1982, pp. 71-75.

(4) F. LYNCH, The impact of landscape on prehistoric man, *The effect of Man on the Landscape: the Highland Zone*, Londres, C. B. A., 1977, pp. 124-126.

não pode deixar de ter tido uma conotação religiosa, tratando-se de locais funerários, que, não só no Norte de Portugal, mas por toda a Europa, apresentam sinais de terem servido como enquadramento de rituais. As acumulações de seixos rolados de quartzo que se notaram em monumentos como a Mamoa 2 de Outeiro de Gregos, ou as pequenas áreas «pavimentadas» com grandes seixos fragmentados, também de quartzo, na periferia da mesma mamoa, são disso sintoma. Mas, acima de tudo, a extraordinária estrutura envolvente do «cairn» da Mamoa 1 de Outeiro de Gregos (Baião) — até agora única em Portugal — só pode explicar-se pelo desejo de construir um monumento que, para além de túmulo, fosse também um lugar de culto (5). Recordamos que este monumento contém um pavimento de lajes de forma sub-trapezoidal, que inclui, na sua extremidade, um pequeno recinto sub-rectangular de intencionalidade inequívoca, cuja finalidade não compreendemos se não recorrermos à hipótese de ter sido um espaço cultural de algum modo «especializado», independentizado da mera função funerária das câmaras, à semelhança das «casas funerárias» do Norte da Europa, das fachadas encurvadas de numerosos «cairns» europeus, e dos empedrados trapezoidais, em relação com o culto funerário, dos monumentos da região francesa do Franco-Condado (6), entre diversos outros casos. Estamos muito provavelmente, na Mamoa 1 de Outeiro de Gregos, perante uma solução tardia (talvez dos inícios da Idade do Bronze), que até nesse aspecto coincide genericamente com o paralelo do Leste da França apontado; a descoberta deste notável monumento é, repetimos, de excepcional importância não só no contexto do megalitismo ibérico, mas europeu.

5. A construção dos monumentos megalíticos representa sem dúvida uma actividade altamente padronizada, provavelmente sujeita a regras bem definidas, que podem, evidentemente, ter variado consoante as épocas. Mas a sua forma, estrutura e técnica construtiva repetidas, a sua escolha de zonas planas, de morfologia uniforme, apontam inequivocamente para uma simbólica do espaço. Qual era essa simbólica exactamente, eis um dos principais objectivos destas pesquisas. Sem dúvida que os maiores conjuntos nos surgem sempre em áreas de «plateau», não raro zonas de passagem, onde afectam com frequência uma disposição linear, que no entanto integra sub-grupos com distribuição nuclearizada. Serão esses alinhamentos meramente resultado de uma adaptação à topografia? Representarão eles uma trajectória de um grupo ao longo do tempo? Neste último caso, corresponderá cada pequeno sub-grupo (Outeiro de

(5) V. O. JORGE, Escavação da Mamoa 1 de Outeiro de Gregos (Serra da Aboboreira — Baião), *Portugalia*, nova série, I, 1980, pp. 9-28.

(6) P. PÉTREQUIN e J. F. PININGRE, Les sépultures mégalithiques de Franche-Comté. I. Étude Archéologique, *Gallia Préhistoire*, 19, 1976, 2, pp. 287-381.

Gregos, na Aboboreira, por exemplo) à cristalização do espaço funerário (quicá um duplicado do espaço habitado?) durante um momento de uma tal trajectória? Ou distribuir-se-ão os monumentos em obediência a quaisquer alinhamentos de carácter astral, ou a leis de simetria, cujo princípio haveria que descobrir? Longamente percorremos diversos conjuntos meditando nestes assuntos, multiplicando os ângulos de observação, tentando encontrar uma solução. É indubitável que os monumentos se recortam com frequência na linha do horizonte, e que se afastam quase sempre de acidentes da paisagem que poderiam prejudicar essa «leitura», como afloramentos graníticos ou zonas baixas de lameiros; mas uma conclusão a este respeito depende do conhecimento da cobertura vegetal coeva dos túmulos. É óbvio que é por vezes possível encontrar um pñto de observação no terreno em que os diversos monumentos de um sub-grupo nos surgem dispostos de forma simétrica, incluindo mesmo a morfologia da área em que se implantam; mas não tem sido possível detectar uma regularidade nessas direcções, sendo preciso testar esta hipótese em muitos conjuntos em que haja a garantia de se conhecer todos os monumentos que os integram. Trata-se de um trabalho moroso, como se compreenderá. Por outro lado, é certo que alguns monumentos foram concebidos em posição isolada: os pequenos «plateaux» em que assentam não permitiam a colocação de outros monumentos, sem prejuízo do destaque volumétrico que parece ter sido um grande objectivo das construções. Duas possibilidades se têm notado: numa delas, o monumento assenta numa elevação sobranceira a um «campo de mamoa»: é o caso de Carrazedo de Alvão, de certos monumentos de Castro Laboreiro, ou de uma mamoa próximo do conjunto de Perafita (Alijó); perguntamo-nos se tal posicionamento corresponde a uma hierarquização dos monumentos, em articulação, talvez, com uma hierarquização das pessoas ou grupos nelas inumados. Um outro caso é o de monumentos como a anta de Santa Marta (Penafiel), ou a do Padrão (Paredes), em que um dólmen importante (pelas suas dimensões, pela sua tipologia «evolucionada», pela sua decoração, etc.) parece encontrar-se num isolamento que sugere particular destaque, contrastando com a disposição agrupada de certas necrópoles. O que é certo é que, mesmo nestas, há monumentos de dimensões muito diferentes (de 6 a 8 m. de diâmetro até mais de 30 m., alturas de 50 cm a 3 m.), lado a lado, o que não obsta a que, pelo menos em alguns casos (Outeiro de Ante, na Aboboreira, por exemplo), a sua semelhante morfologia sugira contemporaneidade e, portanto, uma hierarquização. Aliás, em Outeiro de Gregos, por ex., estudámos uma estrutura situada na periferia da Mamoa 2⁽⁷⁾, que pensamos corresponder aos restos de um pequeno

(7) V. O. JORGE, Sobre uma estrutura situada na periferia da Mamoa 2 de Outeiro de Gregos (Serra da Aboboreira, Baião), *Arqueologia*, 2, Dez. 1981, pp. 19-24.

- tumulus*; mas este poderia ser uma «aposição» tardia à necrópole primitiva, como aliás o é provavelmente a Mamoia 1 próxima, o que de qualquer modo sugere continuidade da tradição de tumular naquele local. Enfim, um mundo de questões e de problemas mutuamente relacionados, que podemos equacionar — o que é já um progresso — mas não, por ora, resolver.
6. À escala do Norte do país, a distribuição geográfica dos monumentos pode vir a revelar-se significativa. É um facto que as mamoas se encontram às mais diferentes cotas, desde algumas escassas dezenas de metros acima do nível do mar, até altitudes que ultrapassam largamente o milhar de metros, nas chãs aplanadas das serras do interior, como no Gerês. Mas os monumentos predominam claramente na zona atlântica (*plateaux* dos interflúvios minhotos) e na parte oeste da zona transmontana, definindo uma faixa de 200 a 250 Km. de largo. Refira-se de novo que alguns dos dólmenes de corredor mais ou menos desenvolvido que conhecemos — anta de S. Marta, Penafiel, dólmen de Lamoso, Paços de Ferreira, dólmen de Chã de Parada, Baião, ou dólmen da Barrosa, Caminha, por exemplo — se encontram nas províncias do Minho e Douro Litoral; e de que em Trás-os-Montes três dos monumentos mais bem conservados que podemos observar — dólmenes de Zedes e de Vilarinho da Castanheira, Carrazeda de Ansiães, e anta da Fonte Coberta, Alijó, parece serem todos de corredor pouco desenvolvido ou reduzido a mero «vestíbulo» de duas lajes baixas. Por outro lado, é perto do litoral que nos vão aparecer certos monumentos sem corredor, rectangulares, do tipo da «Antela» da Portelagem (Esposende), à semelhança do que parece acontecer também na Beira ⁽⁸⁾, o que pode traduzir uma «degenerescência» tardia para formas cistóides. Mas temos de ter resultados de mais escavações científicas para podermos assentar uma perspectivação deste género em bases minimamente seguras e estatisticamente significativas. De qualquer forma, uma evolução a partir de dólmenes pequenos, simples, até formas de maiores dimensões, com corredor destacado, ou já indiferenciado, dando depois progressivamente lugar a soluções de novo mais pequenas, mais «disfarçadas» na paisagem, que culminam nas pequenas cistas e em sepulturas planas completamente invisíveis à superfície, da Idade do Bronze adiantada, apesar de ser uma ideia certamente simplista, continua a ser a que mais se adequa aos fragmentários dados existentes, desde que corrigida pela provável contemporaneidade de formas diferentes, nas mesmas necrópoles. Somos assim levados a admitir, como hipótese de trabalho, um desenvolvimento do simples para o complexo, que não eliminou, em cada momento, as formas arquitectónicas anteriores, mas tão só a elas somou as soluções inova-

(8) IRISALVA MOITA, Características predominantes do grupo dolménico da Beira Alta, *Ethnos*, V, 1966, pp. 189-297.

doras; uma tendência evolutiva geral não é, obviamente, contraditória com um leque de diferentes tipos contemporâneos, como afinal sempre aconteceu na história da arquitectura.

7. Apesar do desconhecimento em que nos encontramos relativamente aos habitats, podemos dizer, com base em paralelos europeus, que eles se deveriam situar na proximidade dos túmulos, tendo, certamente, um carácter frágil e talvez disperso (a existência de aglomerações relativamente importantes teria deixado provavelmente marcas detectáveis com facilidade no terreno). Os seus restos aparecerão um dia, quando dispusermos de meios mais sofisticados de detecção (foto aérea apropriada), análise do conteúdo em fosfatos de certas áreas suspeitas de terem contido habitações, como se fez em Carrowmore, na Irlanda — (9), revelando-nos preciosos elementos sobre a vida quotidiana e a economia dos construtores de mamoaas. Mas estas, só por si, são sinal de uma certa *aisance* material; realmente, pela quantidade de trabalho exigido e de solo vegetal empregado (um e outro desviados da sua produtividade económica), as mamoaas revelam a existência de comunidades que podiam permitir-se a aplicação, numa actividade funerário-religiosa, de consideráveis «excedentes».

Que tipo de economia os possibilitaria? Ao longo de uma obra recente (10) e em trabalhos anteriores, sugerimos a possibilidade dela se basear numa agricultura de corte e queimada, envolvendo uma itinerância, relacionada com o rápido esgotamento dos solos; mas não arvorámos essa hipótese em certeza, nunca deixando de encarar uma gama de explicações possíveis (podendo variar de região para região), dada, por ex., a presença do arado em certas áreas neolíticas europeias, e a absoluta impossibilidade em que nos encontramos de «colar» à Pré-história da Europa as realidades observadas em sociedades primitivas actuais, substancialmente diferentes. Uma obra recente, de extrema importância — «Farming Practice in British Prehistory» (11) — vem pôr em causa a tradicional hipótese, proposta por Iversen nos anos quarenta, da existência de uma agricultura de corte e queimada na Europa temperada neolítica (12), parecendo agora que uma agricultura mais estável, com campos permanentes, estaria melhor adaptada ao meio-ambiente europeu, adequando-se aos actuais dados da palinologia e dos testes

(9) GÖRAN BURENHULT, *The Archeological Excavation at Carrowmore, Co. Sligo-Ireland. Excavation Seasons 1977-79*, Estocolmo, Institute of Archaeology at the University, 1980.

(10) V. O. JORGE, *Megalitismo do Norte de Portugal: o distrito do Porto — os Monumentos e a sua Problemática no Contexto Europeu*, Porto, 1982 (dissertação de doutoramento em Pré-história e Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da U. P.).

(11) Dirigida por R. MERCIER, e editada pela Edinburgh University Press, 1981.

(12) P. ROWLEY-CONWY, *Slash and burn in the Temperate European Neolithic, Farming Practice in British Prehistory*, Edinburgh University Press, 1981, pp. 85-96.

experimentais, bem como à presença de animais domésticos na Europa neolítica (estes são normalmente escassos nas comunidades que praticam a agricultura itinerante). Todavia, devemos sempre distanciarmo-nos das soluções demasiado gerais, pois cada autor tende a generalizar as conclusões resultantes da sua experiência numa região específica. O Norte de Portugal encontra-se numa zona da Europa onde se mesclam as características atlânticas e mediterrânicas, tendo estas últimas sempre criado à vida agrícola condicionalismos bem próprios, não raro afectando um maior conservadorismo, sobretudo em áreas marginais em relação aos centros principais, como no Norte do país (13); ora, seria um manifesto simplismo querer interpretar o contexto económico do megalitismo desta área com base em dados do Noroeste da Europa, tanto mais que há razões para pensar que, subjacentes ao fenómeno megalítico europeu, se encontram as mais diversas economias. No entanto, ao estudar os sistemas agrários da Europa neolítica mediterrânica, Delano Smith, baseada sobretudo no importante trabalho de Barker sobre a Itália Central, afasta completamente a hipótese de qualquer sistema mais «primitivo» do que o da *mixed farming*, baseada nos animais e na policultura, chamando inclusivamente a atenção para o facto da existência de redes comerciais importantes desde o VI.º milénio ser absolutamente incompatível com uma forma «primitiva» de vida agrícola. As adaptações agrícolas mediterrânicas actuais teriam assim, pelo menos em certos aspectos, uma radicação muito antiga. Todos estes parâmetros gerais são, de facto, de muito interesse na orientação da nossa reflexão, mas obviamente não excluem soluções diversificadas à escala local, que temos de continuar a tentar definir para o Norte de Portugal, para compreendermos a sua Pré-história e, em particular, o seu megalitismo. Tudo o que podemos dizer, para já, é que a distribuição linear de muitos grupos de mamoa parece sugerir a exploração de territórios também lineares (e não circulares, como em muitas análises de «site catchment» — Delano Smith (14), certamente envolvendo a utilização de ecologias diferentes e complementares. Para a Aboboreira, por exemplo, parece podermos conceber uma exploração agrícola e pastoril do *plateau*, complementada com outros recursos dos vales, talvez a caça e a pesca; mais tarde, na Idade do Bronze, e talvez numa fase adiantada da mesma, é provável que o interesse agrícola se tenha virado para pequenos vales das faldas da Serra, enquanto que o seu *plateau* superior poderia continuar a ser aproveitado para o pastoreio, dando-se portanto uma independentização espacial das suas actividades económicas complementares. Moinhos manuais presentes em diversas mamoa megalí-

(13) C. DELANO SMITH, *Western Mediterranean Europe*, Londres, Academic Press, 1979, pp. 257 ss.

(14) Op. cit. na nota ant., p. 262.

ticas apontam para uma economia cerealífera, enquanto que machados polidos e enxós podem representar actividades de desflorestação e cultivo da terra. É de pressupor, pelos micrólitos geométricos e pontas de seta encontrados, que a actividade da caça, tarefa eminentemente masculina, sempre complementaria os recursos da agricultura. E a presença de certas matérias-primas, utilizadas para objectos de adorno (azeviche, variscite, etc; a esta última pertence a conta de matéria verde da Mamoá 2 de Outeiro de Gregos) revela, sem dúvida, a existência de relações «comerciais», a maior ou menor distância (uma definição clara deste problema exige a determinação das fontes de aprovisionamento), enquanto que as rochas duras usadas para machados e enxós e os seixos rolados, por vezes de formas escolhidas, denunciam, no mínimo, uma intensa exploração de um território que se não confinaria a uma área limitada. Contudo, a impressão geral de «pobreza» que o espólio dos monumentos megalíticos do Norte de Portugal comunica (tanto quantitativa, como qualitativamente), se o compararmos com as ricas colecções alentejanas, por exemplo, não dependerá somente das sucessivas violações de que os monumentos foram alvo, ou do pequeno número de escavações efectuadas. Prender-se-á, talvez, com idiosincrasias culturais — que, em certos casos, poderão ter substituído a panóplia de objectos votivos por pinturas ou gravuras parietais, como que valorizando a sacralidade do túmulo no seu conjunto relativamente às oferendas colocadas junto de cada inumado — mas, também, com uma marginalidade geográfica e cultural que só se esbateria a partir do campaniforme, para ser inteiramente ultrapassada com o apogeu do Bronze, durante o qual assistimos, no Noroeste, a um entrecruzar de influências meridionais e atlânticas. Cerâmicas do tipo «taça hemisférica», geralmente de fabrico tosco, parecem indicar um certo localismo hermético, progressivamente superado por formas de expressão geográfica mais ampla, como os vasos tronco-cónicos, que surgem na Beira, em Trás-os Montes e no Minho, e formas, em certos aspectos (asa, mamilos) afins, e, depois, por cerâmicas campaniformes.

8. Um outro grupo de megálitos, embora hoje apenas representado por dois exemplares seguramente definidos, ocorre no Norte de Portugal. São os menires de S. Paio de Antas, Esposende, e de Luzim, Penafiel, o primeiro correspondendo a uma forma relativamente elaborada, regular, com secção sub-elíptica, e o segundo a um simples bloco de secção sub-pentagonal, mais tosco. A relação entre os menires e os sepulcros megalíticos é difícil de determinar, visto que nada prova a respectiva contemporaneidade; todavia, na região de S. Paio de Antas estão assinaladas, como o próprio topónimo sugere, algumas mamoas, e no caso do menir de Luzim a proximidade com um conjunto de *tumuli* é evidente. Não é inverosímil, sobretudo neste último, que estejamos perante um menir indicador de sepulturas.

Postas estas questões gerais ⁽¹⁵⁾, iremos agora apresentar os resultados de duas escavações recentes que, nos problemas diversificados que levantam, permitirão ilustrar, no concreto, algumas daquelas questões.

2. ESCAVAÇÃO DE DUAS MAMOAS DA SERRA DA ABOBOREIRA

2.1 *Mamoas 2 de Meninas do Crasto*

O monumento cuja escavação vamos passar a descrever encontrava-se, quando o conhecemos, numa situação de quase total ruína. Cortado pelo estradão principal da Serra, os restos da respectiva câmara mal afloravam da vegetação que cobria o local, aliás desfigurado pela presença de um aterro feito sobre a parte conservada do *tumulus*. Da mesma realidade dá conta Domingos Cruz, ao escrever, num inventário do conjunto megalítico da Aboboreira ⁽¹⁶⁾, o seguinte sobre este monumento: «Mamoas bastante danificadas com grande parte das pedras que constituíam o «tumulus» a servir de piso do caminho; câmara, de forma irregular, apresentando 3 esteios visíveis.» Esta situação piorava cada vez que trabalhadores encarregados de reparar o estradão, que dá acesso à capela de N.ª S.ª da Guia, se serviam das terras da mamoa para o efeito. Eis por que nos determinámos a estudá-lo aquando da campanha do verão de 1982; o interesse desse estudo residiria também no facto de servir de complemento à escavação realizada no ano anterior por D. Cruz na Mamoa 1 da S.ª da Guia, situada a cerca de 200 m. para SSW daquele monumento.

A Mamoa 2 de Meninas do Crasto localiza-se a cerca de 825 m. para SW da Mamoa 4 (de cuja escavação trataremos mais adiante), e a cerca de 425 m. para NNE da capela da S.ª da Guia. Encontra-se implantada numa área deprimida (razão pela qual, de longe, sobretudo de oeste ou sudoeste, a mamoa se não vê), que se integra numa pequena chã ondulada, com a cota aproximada de 940 m., situada entre duas elevações: uma, a ocidente, que constitui o prolongamento norte da zona em que se acha a capela (cota máx. — 977 m.), outra, a leste, de menores proporções (cota máx. — 951 m.). Para norte o terreno desce na direcção de uma linha de água, e é a partir desta que o volume do monumento mais se destaca. O que resta da mamoa situa-se, pois, a norte do estradão, a escassos metros para SW da confluência deste com um pequeno caminho que, dirigindo-se para sul, passa a leste da Mamoa 1 da S.ª da Guia.

⁽¹⁵⁾ As quais, como se disse, praticamente reproduzem o conteúdo do que se expôs na obra citada na nota 10, pp. 843-854.

⁽¹⁶⁾ Contribuição para o levantamento cartográfico do conjunto megalítico da Serra da Aboboreira (Concelhos de Amarante e Baião), *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, I, Guimarães, 1980, p. 33.

As coordenadas geodésicas do local (seg. a «Carta Militar de Portugal» — folha 125 — Baião, na esc. de 1/25000) são:

41° 11' 43" Lat. N.
1° 6' 26" Long. E. Lx.

O local pertence ao distrito do Porto, concelho de Baião, freguesia de Ovil.

*

Eliminada a vegetação do local, procedeu-se ao levantamento da sua planta em curvas de nível, incluindo a zona do estradão. Os restos do monumento propriamente dito ficaram insertos num rectângulo, orientado pelo Norte magnético, com 10 m. × 8 m. (fig. 2). Começou depois a decapagem superficial da mamoa, por forma a pôr a descoberto a respectiva couraça pétreia de revestimento: primeiro nas sanjas N, E-a, W e S-a; mais tarde nas sanjas E-b e S-b, e nos quadrados E4 e B4. A extensão destas decapagens justificou-se pela necessidade de conhecer bem a área limítrofe da câmara, delimitando, ao mesmo tempo, a zona mais alterada pelo estradão. A partir da segunda planta assim elaborada, tornou-se evidente estarmos perante um *tumulus* «clássico» em terra e revestimento de pedras (granito) imbricadas (incluindo pequenos fragmentos de quartzito e quartzo nos interstícios), com uma pequena câmara dolménica e, em torno e a certa distância desta (entre 1,10 m. e 1,70 m.), um anel de grandes blocos de granito tendente a relevar o espaço sepulcral. Este anel — composto de elementos regulares, predominando os de forma rectangular — assentava nas terras *in situ* do *tumulus*, não se justapondo propriamente à couraça (como, por ex., na Mamoa 1 da Abogalheira, também nesta Serra) mas, apenas, a uma ou outra laje, com o fim evidente de manter os blocos na posição horizontal e assim assegurar a consistência e linearidade do mesmo anel.

A escavação prosseguiu pela desmontagem da couraça e decapagem progressiva do *tumulus* nas áreas indicadas. Concluída esta, e desenhados os cortes postos à vista, a estratigrafia da mamoa (perfil N-S) poderia ser descrita assim (fig. 3):

- c. 1 — terras húmusas superficiais;
- c. 2 — couraça pétreia de revestimento;
- c. 3 — terras *in situ* do *tumulus*, castanho-acinzentadas;
- c. 4 — piso de saibro calcado;
- c. 5 — provável «paleossolo» *in situ*, selado pelo nível anterior na área contígua à câmara, contendo abundantes carvões (esp. média — 20 cm.);
- c. 6 — granito alterado da base.

Ao mesmo tempo, ia-se procedendo à escavação do interior da câmara, que estava integralmente preenchido por entulhos, testemunhando uma

completa violação. O seu enchimento era o seguinte (profundidades médias referidas ao nível 0 da escavação — topo do esteio 2):

- 53 — 99 cm — caos de blocos e de fragmentos de esteios, envolvidos por terras soltas, castanho-acinzentadas, com abundantes raízes;
- 99 — 113 cm — terras pouco compactas, castanho-escuras, granuladas;
- 113 — 123 cm — nível de pedras tombadas, normalmente de pequeno tamanho;
- 123 — 175 cm — terras castanho-escuras, algo compactas. Na área NE da câmara, junto à presumível entrada e entre c. 123-166 cm de profundidade, notou-se a presença de uma bolsa, certamente feita por violadores, e preenchida por terras soltas, castanhas, muito escuras. Da sua peneiração provém um fragmento de sílex e uma lamela do mesmo material.

Como já é habitual na Aboboreira, a base rochosa da câmara era extremamente irregular, sendo lógico supor que seria uniformizada pelo assentamento de um piso, cujos restos, no entanto, nem neste caso, nem em outros conhecidos através de escavações, foi possível detectar.

Quanto aos esteios, devemos dizer que apenas dois deles se encontravam *in situ*, na zona norte da câmara, e em razoável estado de conservação; outros dois apresentavam-se reduzidos a simples fragmentos da respectiva base, decerto algo deslocados da sua posição original. Aliás, a atestá-lo, verificou-se que o que restava de um destes últimos estava, por sua vez, partido em dois pedaços, tendo a base inferior escorregado ligeiramente para o interior da câmara. Finalmente, um quinto esteio encontrava-se de início tombado para norte, e encostado a um dos primeiros referidos; limitámo-nos a colocá-lo na posição vertical e, apesar de termos parcialmente delimitado a sua fossa de inserção pelo exterior da câmara (e também em parte pelo interior, através de uma série de pedras de reforço da base aí existentes) não podemos assegurar que a posição em que ficou após o «restauro» fosse a sua exacta situação original. Todavia, apesar de todas as dúvidas de detalhe que a ruína do dólmen impõe, é óbvio estarmos perante uma pequena câmara poligonal, com uma diagonal variando entre os 120 e os 160 m., e uma altura interna (medida do topo do esteio mais saliente até à rocha-mãe) de c. de 175 cm. Pensamos que essa câmara devia ser aberta a nascente, atendendo ao espaço existente entre dois esteios situados desse lado; porém, com o fim de tentarmos, tanto quanto possível, definir a morfologia original do monumento desse lado, escavámos cuidadosamente o subsolo, tendo encontrado duas fossas, uma de planta sub-triangular alongada e perfil transversal sub-triangular, com cerca de 20 cm

de prof. máxima (fig. 5, 2); e outra, situada a sul da primeira, com planta sub-elíptica, perfil transversal semi-circular, e c. de 35 cm de prof. máxima (idem, 1). Esta segunda fossa, pelas suas dimensões, e até pelas pedras de escoramento existentes na respectiva periferia, poderia bem ter servido para o assentamento de um esteio; mas, pela sua orientação em relação à parte restante da câmara, é mais provável que correspondesse a um «umbral». O mesmo dizemos quanto à função da fossa 1, mau grado o seu pequeno formato; mas, como teremos ocasião de referir a propósito da mamoa seguinte, nem sempre os negativos existentes no *bed-rock* são proporcionais ao tamanho das estruturas que nele se achavam implantadas (também tem de ficar no domínio das hipóteses a possibilidade de estarmos perante uma estrutura de entrada dissimétrica, com, por exemplo, um umbral maior de um lado do que do outro, o que, pelo menos teoricamente, não pode deixar de se admitir).

Pequena câmara poligonal, com uma abertura virada genericamente a nascente e possivelmente marcada por umbrais — eis a nossa conclusão sobre esta câmara dolménica, que, pela sua tipologia, não destoa do carácter dominante do megalitismo da Aboboreira e mesmo do Norte do país.

Um aspecto que falta referir é a existência, no exterior da câmara, de duas estruturas de reforço, correspondendo uma delas ao contraforte, particularmente bem conservado em torno dos esteios 1, 2 e 3. Tal contraforte, constituído predominantemente por pequenas pedras, era de dimensões invulgarmente reduzidas (medidas máximas — c. de 40 cm de largura por uns 25 cm. de altura) e assentava no paleossole. Para leste do esteio 1, e ocupando uma área de c. de 1 m², encontrava-se, inserta nas terras *in situ* do *tumulus*, uma estrutura construída por uma acumulação de lajes imbricadas, com a nítida intenção de conferir maior solidez à mamoa. A razão exacta da sua presença exclusiva numa área circunscrita não é totalmente clara, muito embora pudesse admitir-se que serviria para escorar a laje enterrada na fossa 1, compensando assim a pouca profundidade da mesma fossa; mas, nesse caso, contrastaria com a forma e dimensão do contraforte restante. De facto, esta estrutura era muito mais elevada do que ele, atingindo uma espessura de c. de 50 cm. e a largura de c. de 1 m. Também se poderia pensar que tal estrutura continuaria para sul e sudoeste, servindo de fecho à câmara, tendo sido danificada nessa zona pela estrada.

Entre as duas fossas, e delas até à estrutura anteriormente descrita, evidenciou-se com particular nitidez, na escavação em superfície, o piso de saibro calcado atrás referenciado como camada 4 da estratigrafia.

Terminada a escavação, procedemos à consolidação do monumento, cobrindo de novo as áreas escavadas do *tumulus*, escorando externamente a câmara, e preenchendo o seu interior com saibro, até uma altura julgada conveniente.

No Quadro da página seguinte resumimos o espólio arqueológico deste monumento.

| | | |
|---------------|----------------------------|--|
| ESP. CERÂMICO | Fragm. vasos | 3 |
| | Fragm. fundo vaso | 1 pequeno fragmento de fundo plano (B4; coord.: x - 150 cm; y - 140 cm; z - 90 cm) |
| ESP. LÍTICO | Lamelas | * 1 (sílex) * 1 (quartzo hialino) |
| | Raspa-deiras | * 1 (quartzo leitoso) * 1 (quartzito) |
| | Lascas residuais | * 1 (sílex) 1 pequeno fragmento (sílex) (C4; interior fossa violação câmara; peneiração - prof. 123-125 cm.) |
| | Percutor | * 1 (granito) |
| | Cristal de quartzo hialino | 1 (D4; coord.: x - 138 cm; y - 120 cm; z - 130 cm.) |
| | Seixo rolado | 1 (em xisto, de contorno ovóide e pequenas dimensões) (E4; prof. - 170 cm.) |
| | TOTAL | 13 |

Descreveremos em seguida os objectos assinalados com asterisco.

— *Lamela de sílex*

Localização: C4. Encontrada nas terras negras que preenchem o interior de uma fossa aberta na camada do fundo da câmara (peneiração).

Prof. — 123-125 cm.

Dimensões: comp. máx. — 2 cm; larg. máx. — 0,6 cm; esp. máx. — 0,2 cm.

Secção triangular; sem retoques. Perfil arqueado; bolbo na base do reverso.

— *Lamela em quartzo hialino*

Localização: C4. Encontrada no fundo da câmara, perto da rocha de base. x (distância em rel. ao lado norte do quadrado) — 84 cm; y (dist. em rel. ao lado leste) — 175 cm; z (prof. em rel. ao nível 0 convencional) — 163 cm.

Dimensões: comp. máx. — 1,8 cm; larg. máx. — 1,2 cm; esp. máx. — 0,5 cm.

Secção triangular; sem retoques. Obtida a partir de um cristal.

— *Raspadeira em quartzo leitoso*

Localização: C4. Encontrada junto ao esteio tombado para o interior da câmara. x — 100 cm; y — 175 cm; z — 66 cm.

Dimensões: comp. máx. — 3,9 cm; larg. máx. — 2,2 cm; esp. máx. — 1,5 cm. Lasca espessa, de forma irregular, apresentando retoques no anverso, na parte superior do bordo esquerdo, junto à extremidade distal e, sobretudo, na parte média-superior do bordo direito (estes particularmente abruptos).

— *Raspadeira em quartzito*

Localização: C3. Encontrada junto ao lado exterior do esteio da extremidade NE. da câmara, sob lajes de uma bolsa aberta por violadores. Prof. — c. 60 cm.

Dimensões: comp. máx. — 2,4 cm; larg. máx. — 2,2 cm; esp. máx. — 0,8 cm. Fragmento de lasca, de forma sub-triangular, com a extremidade distal (correspondente à base do triângulo) de gume ligeiramente convexo, arredondado, criado por retoque abrupto irregular.

— *Lasca residual em sílex*

Localização: C3. Nas terras *in situ* do *tumulus*, entre a câmara e o anel lítico. x — 140 cm; y — 100 cm; z — 126 cm.

Dimensões: comp. máx. — 2,9 cm; larg. máx. — 2,1 cm; esp. máx. — 0,6 cm. Lasca de forma sub-pentagonal, e secção triangular, com bolbo bem evidenciado na base do reverso e talão facetado.

— *Provável percutor, de granito pegmatítico*

Localização: D4. x — 5 cm; y — 185 cm; z — 185 cm.

Dimensões: comp. ou alt. máx. — 5,9 cm; larg. máx. — 6,5 cm.

Forma sub-cúbica, com algumas faces correspondentes a diaclases. Abundantes cristais de feldspato. Provavelmente utilizado como percutor.

Quanto a carvão vegetal, foram recolhidas amostras nos seguintes locais:

| Quadrado | Coordenadas |
|----------|---------------------------------------|
| C4 | x - 120 cm; y - 30 cm; z - 110 cm. |
| | x - 70 cm; y - 120 cm; z - 110 cm. |
| D3 | * x - 140 cm; y - 75 cm; z - 135 cm. |
| | * x - 175 cm; y - 60 cm; z - 135 cm. |
| | * x - 130 cm; y - 130 cm; z - 145 cm. |
| | * x - 165 cm; y - 175 cm; z - 148 cm. |
| D4 | x - 90 cm; y - 170 cm; z - 80 cm. |

As quatro amostras assinaladas com asterisco foram enviadas para um laboratório de radiocarbono, com o fim de se conseguir datações pelo carbono 14. Note-se que todas elas provêm do «paleossolo» da base do monumento (c. 5).

*

Assim, pois, na zona da S.^a da Guia — Meninas do Crasto existem agora três monumentos já estudados: uma anta de dimensões médias, com mamoa de terra e couraça lítica (2 de Meninas); um pequeno dólmen (com pouco mais de 1 m. de altura), inserto num *tumulus* baixo em terra e com couraça lítica (diâmetro médio — c. 12,5 m., altura máxima de c. 85 cm. — inf. de D. Cruz, que agradecemos) (1 da Sr.^a da Guia); e, como vamos ver de seguida, um *cairn* sobreposto a um «paleossolo», de grande diâmetro, mas de pequena altura (4 de Meninas). Trata-se de mais uma eloquente ilustração do polimorfismo que temos notado neste conjunto megalítico. No entanto, o estudo completo desta zona da Serra exigirá ainda aturadas prospecções, que permitam a identificação exaustiva de todos os monumentos nela existentes, bem como a sua posterior escava-

ção. É o que tencionamos fazer nas campanhas dos próximos anos. Concentremo-nos entretanto sobre mais um monumento recentemente escavado.

2.2 *Mamoas 4 de Meninas do Crasto*

Trata-se de um dos monumentos popularmente mais conhecidos da Serra da Aboboreira; a designação de «casa redonda» advém-lhe, decerto, do anel de grandes blocos visível antes das escavações, por entre a densa vegetação rasteira que cobria o local. A ele alude José de Pinho em apontamentos manuscritos, ao escrever que este monumento «tem o círculo de pedras com 10 m. de diâmetro. Está destruído». Também Domingos Cruz se lhe refere ⁽¹⁷⁾, nestes termos: «encontra-se em estado acentuado de destruição e os vestígios fazem-nos crer que a mamoa teria grande diâmetro». Desde o início das nossas investigações na Serra que nos interessou resolver o problema desta estrutura, que sempre intuímos como algo de *sui generis* no conjunto megalítico; tal pôde finalmente concretizar-se durante a campanha de 1982.

O monumento encontra-se assente num pequeno *plateau* em forma de suave esporão voltado a sul, no sopé da elevação em que se implanta o marco geodésico de Meninas (970 m.); esse esporão está genericamente delimitado pela curva de nível de 940 m. A zona, na qual passa a linha divisória dos concelhos de Amarante e Baião, é de fácil acesso, uma vez que o monumento se encontra a apenas c. de 140 m. para norte do estradão principal da Serra, e à margem do caminho que, partindo deste, e passando pela Mamoa 4 ⁽¹⁸⁾, vai depois contornar pelo Norte o morro em que se encontra o marco geodésico. Na base deste, e junto ao estradão, acha-se a conhecida Fonte do Mel, que é o local mais aprazível da Serra, o que contribui para que a zona seja bastante concorrida.

Trata-se pois de um dos monumentos do conjunto megalítico situados a maior altitude; por outro lado, é importante notar desde já o carácter relativamente «isolado» que a sua localização topográfica lhe confere; dele não é possível ver a Mamoa 3, nem desta (que se encontra a cota mais baixa — c. de 930 m.) se enxerga o monumento em estudo, facto que contrasta fortemente com o que se observa nos núcleos situados a ocidente da

(17) Op. cit. na nota ant., p. 32.

(18) A mamoa 3, situada a c. de 30 m. para norte do estradão principal da Serra, tem, seg. D. Cruz — op. cit., pp. 32-33 — um diâmetro de c. de 15 m., e contém uma pequena câmara poligonal que ainda apresenta cinco esteios. A laje de cobertura, que se encontrava a aproximadamente 30 m. para norte do monumento, servindo de divisória com o concelho de Amarante, foi há alguns anos reposta na sua posição original, por ordem da Câmara Municipal de Baião. Acrescente-se que o P.^e João Ribeiro, de S. João de Ovil, procedeu em tempos a uma escavação na câmara funerária, nada tendo encontrado (inf. pessoal).

capela da S^a da Guia (Out.^o de Ante, Out.^o de Gregos, Abogalheira, etc), onde é sempre possível abarcar a totalidade dos monumentos dispostos em amplas chãs.

As coordenadas geodésicas do local (seg. a «Carta Militar de Portugal» — folha 113 — Amarante, na esc. de 1/25000) são as seguintes:

41° 12' 5" Lat. N.
1° 6' 49" Long. E. Lx.

A zona pertence, tal como na mamoa anterior, ao concelho de Baião, freguesia de Ovil.

*

Limpa a zona da vegetação que a cobria, foi levantada a respectiva planta com curvas de nível, a partir da inserção do volume tumular num rectângulo com 18 m. × 16 m. (por sua vez dividido em quadrados de 1 m. de lado para a leitura de cotas, e de 2 m. de lado para definição das áreas a escavar; este quadriculado foi orientado pelo Norte magnético). Nessa planta foram inseridos os grandes blocos que se viam à superfície, em número de 16, e que formavam um anel lítico sub-circular, incompleto, com cerca de 10 m. de diâmetro (fig. 6). Partindo do princípio de que tal anel tinha tido, na origem, uma forma completa, fechada, a simples observação da planta permitia desde logo adivinhar que a área leste havia sido a mais perturbada por violações, o que mais tarde se confirmou.

Foram então abertas, pelos métodos habituais, quatro sanjas principais (N, W, S e E-a) e depois duas secundárias (E-b e E-c), estas últimas impostas pelo decorrer das observações feitas durante os trabalhos. Ao nível das estruturas visíveis após a decapagem superficial foi possível fazer as seguintes observações:

- o monumento não se continha no interior do anel de grandes blocos, mas prolongava-se para o exterior por uma cintura de pequenas lajes imbricadas, que, por exemplo, na sanja W tinha c. de 2,60 m. de comprimento e na sanja sul c. de 2,40 m., pelo menos;
- a estrutura de lajes e blocos imbricados posta a descoberto pelas decapagens, relativamente bem conservada nas zonas S, W, e, até certo ponto, N, estava muito danificada na zona E (sanja principal e sanjas secundárias), onde se apresentava de forma descontínua e caótica;
- a homogeneidade da estrutura imbricada era por vezes interrompida pela presença de blocos de maior porte, como o que ocorria na sanja sul, entre os quadrados E5 e E6.

Ao prosseguirem os trabalhos, com a escavação propriamente dita, verificou-se que:

- eram bastante amplas as zonas afectadas por violações, contendo um enchimento de entulho no qual, por vezes, se incluíam blocos de grandes dimensões, como os que apareceram no B5. Tais violações interessavam praticamente toda a sanja E, nomeadamente os quadrados A5 a D5 e ainda parte do quadrado E5 (no seu lado leste); zona leste do quadrado E6; a maior parte da área das sanjas E-b e E-c; e partes importantes da sanja N;
- a mamoa era bastante baixa, com uma altura máxima de cerca de 1 m. mesmo nas áreas mais bem conservadas (quadrante SW), e não era composta propriamente por um montículo de terra envolvido por couraça, como no monumento anteriormente descrito, mas correspondia na verdade a um *cairn*, ou acumulação de blocos e lajes imbricados, sobreposto a um nível de terras já existentes no local aquando da construção. A sua pouca altura não podia pois dever-se a um fenómeno de compactação significativo, mas era uma característica concebida desde a origem, aliás em relação com a também modesta dimensão dos elementos pétreos do anel periférico. Assim, não era de esperar encontrar neste monumento quaisquer restos de uma estrutura megalítica importante;
- entre o anel de contenção periférica constituído por grandes lajes e a parte central do monumento existiam restos de um anel de reforço interno, talvez descontínuo, mas não menos evidente em zonas mais bem conservadas; a ele pertencia o bloco do E5-E6 atrás referido, bem como dois blocos que ocorreram no F4-G4;
- todo o espólio foi encontrado em zonas revolvidas por violações.

Desenhados quatro cortes da mamoa por forma a obter dois perfis completos ortogonais, S-N e W-E, tornaram-se mais evidentes certos aspectos fundamentais do monumento. O perfil S-N (fig. 7) apresentava do lado sul, onde intersectava a área mais bem conservada da mamoa, a seguinte estratigrafia:

- c. 1 — terras húmidas, castanho-escuras, com abundantes raízes;
- c. 2 — imbricado de lajes e blocos graníticos, espessando na parte central do *tumulus*;
- c. 3 — nível de saibro calcado, muito nítido;
- c. 4 — «paleossolo» *in situ*, bastante espesso (máx. — c. de 40 cm) e com abundantes carvões, sobretudo sob os blocos do reforço interno;
- c. 5 — granito alterado da base.

Repare-se como o mesmo corte evidencia o contraste entre a estrutura de tipo *cairn* contida pelo anel lítico periférico e a «couraça» exterior, muito menos espessa. Atente-se também no facto da metade norte do perfil nos revelar uma área da mamoa muito revolvida onde, no entanto, certas parcelas do nível 4 («paleossolo») parece terem-se conservado, embora não seladas pela camada 4, que aí estava ausente. Havia mesmo uma zona do corte (quadrado 4) em que se notava com grande nitidez uma bolsa de violação de forma bastante regular, a qual tinha cortado a mamoa até ao saibro.

O perfil W-E revelou-nos algo de muito semelhante, com uma zona mais bem conservada (W) e outra muito perturbada (E), sendo de destacar a grande bolsa de violação dos quadrados E e D; neste corte, porém, não pôde ser observada a pequena camada de saibro calcado do perfil anterior.

Estamos pois perante um *tumulus* sub-circular, amplo — c. de 15 m. de diâmetro — mas baixo (c. de 1 m. de altura máxima), constituído por um *cairn* de pouca espessura sobreposto a um «paleossolo» localmente bem conservado. Já dissemos que ele não pode ter contido um monumento dolménico de dimensões significativas; mas teria sido erigido para albergar uma, ou mais estruturas do tipo cistóide? Esta a interrogação que nos acompanhou durante os trabalhos, e que nos levou, na tentativa de encontrarmos uma solução, a estudar minuciosamente a rocha de base na área em que tais estruturas poderiam ter existido (fig. 10). Realmente, nos quadrados D5, C5 e C6 encontrámos três fossas abertas no saibro, nitidamente alinhadas, e que poderiam ter correspondido à implantação de esteios (de dimensões certamente reduzidas); uma tinha uma forma simétrica, com uma parte mais profunda, elíptica, ao centro, enquanto que outra, mais superficial e alongada, apenas na extremidade SE se acentuava, definindo uma depressão sub-circular; finalmente uma terceira era mais circunscrita e de pequena dimensão. A profundidade máxima atingida por estas depressões era de c. de 30 cm. No seguimento dessas fossas, para NW, existia uma grande depressão sub-rectangular (c. 2,40 m. × c. 1,60 m.), de contorno impreciso e difícil de distinguir dos negativos abertos no saibro pelas violações; bordejando o seu lado NW. existia uma outra fossa evidente, sub-rectangular alongada, com cerca de 20 cm. de profundidade. A que estrutura ou estruturas poderiam corresponder estes vestígios? seriam cistas? A resposta é tanto mais difícil quanto é verdade que, mesmo nos dólmenes, alguns grandes esteios se encontram simplesmente pousados na rocha, enquanto que outros se inserem em depressões previamente abertas: os dois sistemas achavam-se por exemplo conjugados na câmara da mamoa 2 de Outeiro de Ante, escavada em 1979 pelo Dr. Huet Bacelar Gonçalves. Daí que seja muito difícil inferir a forma de uma estrutura já destruída a partir dos seus negativos no *bed-rock*. Que no caso em estudo algo mais do que o simples *cairn* deve ter existido, não temos dúvidas, não só devido às

depressões mencionadas, como ao próprio piso de saibro calcado subjacente à construção e que bem pode ter resultado de trabalhos de implantação de lajes no subsolo pelos respectivos autores.

O espólio, encontrado todo em áreas violadas, como se disse, pode resumir-se no quadro seguinte:

| | | |
|---------------|--|---|
| ESP. CERÂMICO | Fragm. vasos | 35 |
| | Fragm. bordos vasos | 1 pequeno fragm. de bordo * 4 fragmentos (colados), sendo 2 de bordo * 3 fragmentos (colados), sendo 2 de bordo |
| ESP. METÁLICO | Espiral em prata | * 1 |
| OUTRO ESP. | Conta frag. ^a de colar, de azeviche | * 1 |
| TOTAL | | 45 |

Passaremos de seguida a descrever os artefactos assinalados com asterisco.

— 4 fragmentos de um vaso cerâmico, sendo dois de bordo

Localização: D6. Encontrados em zona revolvida, e preenchida por entulhos.

Prof. média: 113 cm (19).

(19) Todas as profundidades estão referidas ao nível O Convencional — topo do bloco mais alto do anel lítico, situado no F 7.

Dimensões: comp. máx. — 7,3 cm; larg. máx. — 5,4 cm; esp. máx. — 0,7 cm.

Pasta de textura compacta; desengordurante composto por grãos de quartzo de grande e médio calibre, e palhetas de mica. Superfícies polidas, suaves ao tacto, de cor beije e acastanhada, com manchas negras; núcleo negro.

Trata-se de um provável vaso tronco-cônico, com bordo de extremidade aplanada; a ele deverão também pertencer os fragmentos que se descrevem a seguir (bem como, aliás, outros pequenos cacos encontrados na mesma área de escavação, mas que não admitem colagem).

— *3 fragmentos de um vaso cerâmico (provavelmente o mesmo do anterior), sendo dois de bordo*

Localização: a mesma do anterior.

Dimensões: comp. máx. — 6,9 cm; larg. máx. — 9 cm; esp. máx. — 0,8 cm.

Descrição técnica: a mesma do anterior.

Morfologia: a parte do bordo representada por estes fragmentos apresenta dois pequenos mamilos achatados e largos, pouco salientes, que lhe conferem um aspecto ondulado. É provável que o resto do bordo não possuísse mamilos a espaços regulares, pois na extremidade esquerda da parte conservada não se evidencia o terceiro mamilo que, se esse fosse o caso, aí deveria existir. Apesar de tudo, tentou-se a reconstituição hipotética deste vaso, apoiada nos fragmentos descritos e num pequeno fragmento de fundo, que se pensa pertencer ao mesmo recipiente.

— *Espiral em prata*

Localização: F4. x — 92 cm; y — 70 cm; z — 105 cm. Foi encontrada sob as pedras superficiais de uma área da mamoa revolvida por violações.

Forma e dimensões: trata-se de um fio metálico em muito bom estado de conservação, com secção sub-circular (c. de 2 mm. de diâmetro), enrolado em espiral de três voltas e terminando em ponta fina nas duas extremidades. Em projecção lateral, o seu comprimento máximo é de cerca de 1,9 cm.; a sua largura máxima é de c. de 3,3 cm. Apresenta uma cor cinzento-escura (pátina de alteração superficial). As grandes dimensões do seu diâmetro impedem-nos que consideremos esta peça como um anel. Seria elemento de uma cadeia de espirais? É bem possível. De qualquer modo, estamos perante uma jóia da Idade do Bronze, e presumivelmente da sua fase antiga (1.^a metade do II.^o milénio a. C.) ⁽²⁰⁾. Trata-se

⁽²⁰⁾ M. RUIZ-GALVEZ PRIEGO, El Bronce Antiguo en la fachada atlántica peninsular: un ensayo de periodización, *Trabajos de Prehistoria*, 36, 1979, pp. 151-172.

da terceira espiral em prata encontrada no Norte de Portugal, e da segunda da Serra da Aboboreira (a outra ocorreu no fundo da câmara da Mamoa 1 de Outeiro de Gregos (21)).

— *Conta de colar fragmentada, de azeviche*

Localização: encontrada na peneiração de terras provenientes do fundo da área violada do D5-E5; prof. aproximada — 120 cm.

Forma e dimensões: conta de forma sub-esférica, de extremidades aplanadas, e perfuração cilíndrica centrada em relação à área das extremidades. Altura — 0,8 cm; largura máx. do frag. — 0,5 cm; diâmetro da perfuração central — c. de 3 mm. A superfície exterior é polida brilhante; a superfície da perfuração é regular. Cor negra.

Trata-se da segunda conta de colar de azeviche exumada nas escavações do megalitismo da Aboboreira; a primeira provém da Mamoa 1 de Abogalheira, e, segundo os autores do respectivo trabalho (22), seria bitroncocónica.

A concluir a enumeração dos achados deste monumento, referimos a descoberta de uma semente carbonizada de *Quercus* no D6 (nos sedimentos revolvidos em que apareceram os fragmentos de vaso acima descritos), que submetemos à análise do Sr. Eng.º A. R. Pinto da Silva, da Estação Agronómica Nacional (23), bem como a recolha de carvão vegetal nos pontos assinalados no quadro que inserimos na página que se segue.

(21) Op. cit. na nota 5, pp. 20-21 e est. XVI-1.

(22) ANA M. C. LEITE DA CUNHA e EDUARDO JORGE L. SILVA, *Escavação da Mamoa 1 da Abogalheira (Serra da Aboboreira — Concelho de Amarante)*, Porto, G.I.A.N., 1981, p. 28.

(23) Agradecemos a este investigador a colaboração que de há alguns anos a esta parte vem prestando ao Campo Arqueológico da Serra da Aboboreira.

| Quadrado | Coordenadas |
|----------|--------------------------------------|
| E5 | x - 192 cm; y - 105 cm; z - 105 cm. |
| E6 | x - 120 cm; y - 120 cm; z - 104 cm. |
| | z - 195 cm; y - 20 cm; z - 105 cm. |
| | * x - 25 cm; y - 65 cm; z - 105 cm. |
| | * x - 30 cm; y - 150 cm; z - 105 cm. |
| | x - 110 cm; y - 60 cm; z - 112 cm. |

As amostras assinaladas com asterisco foram enviadas para um laboratório de radiocarbono, para datação. Repare-se na concentração dos carvões na sanja sul, numa área situada sob e nas imediações do anel de reforço interno da mamoa.

*

Apesar de profundamente danificada por violações, a Mamoa 4 de Meninas do Crasto é ainda um monumento rico de ensinamentos. De facto, ele é o terceiro *cairn* que escavámos na Serra da Aboboreira, sendo os outros dois as mamoas 1 e 5 ⁽²⁴⁾ de Outeiro de Gregos.

É possível que pelo menos alguns destes *cairns* correspondam às últimas formas de construção tumular na Aboboreira, situáveis talvez na primeira metade do II^o milénio a. C. De facto, a Mamoa 1 de Out.^o de Gregos revelou-nos *in situ*, sob o lajeado da estrutura periférica, um vaso atribuível a uma I. do Bronze antiga ou média; e no fundo da câmara, embora não em posição estratigráfica segura, uma espiral de prata, cuja cronologia jogaria bem com a daquele vaso. Mau grado o facto de provirem de zonas revolidas, o vaso e a espiral da Mamoa 4 de Meninas integrar-se-iam perfeitamente no mesmo mundo cultural, e bem poderiam estar ligados à utilização primária do monumento. Por fim, a Mamoa 5 de Out.^o de Gregos, sem

(24) V. O. JORGE, A Mamoa 5 de Outeiro de Gregos, um «tumulus» não megalítico da Serra da Aboboreira, *Arqueologia* 6, Dez. 1982, pp. 32-39.

estrutura megalítica interna, integra-se num mundo de formas tumulares que têm sido consideradas tardias, na Galiza e nas Astúrias, podendo talvez corresponder à tradição de construir mamoas numa fase em que se não usava já o enterramento dólmenico, ou em que este tinha passado a conviver com novos rituais funerários e novas formas de culto. Todo este processo de mutação dos costumes relacionados com a disposição dos mortos culminaria nas sepulturas planas, abertas no saibro, do tipo das do Tapado da Caldeira, na periferia da Serra, datadas já da 2.^a metade do II.^o milénio a. C. (25).

(Manuscrito entregue em Dezembro de 1982)

(25) V. SUSANA OLIVEIRA JORGE, Datas de C14 para a Pré-história Recente do Norte de Portugal: dados e problemas, *Arqueologia*, 12, Dez. 1985 (no prelo).



Fig. 4 — Mamoa 2 de Meninas durante os trabalhos, vista de Norte.

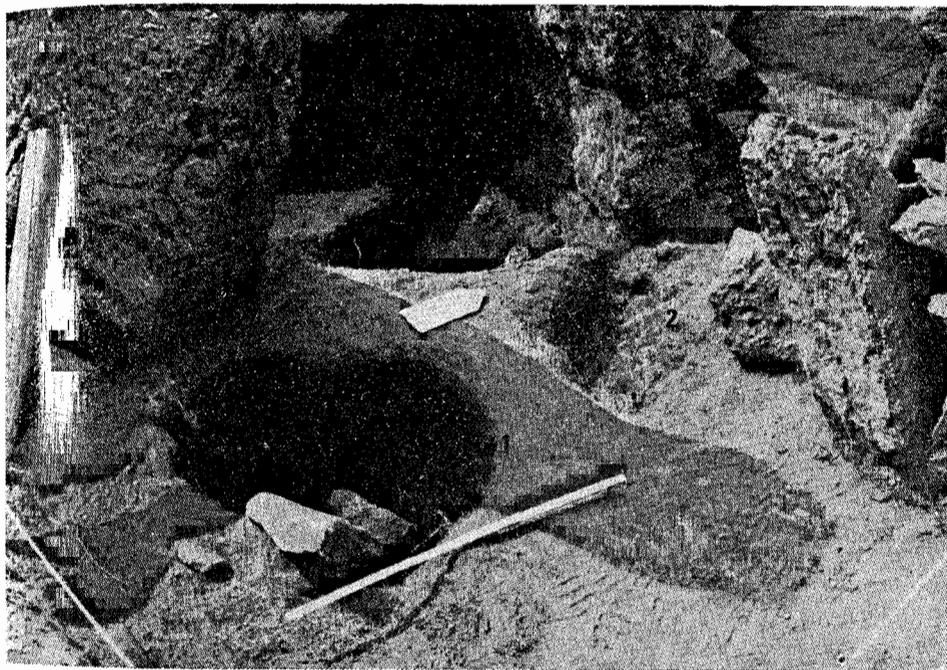


Fig. 5 — Mamoa 2 de Meninas. 1 — fossa de implantação de esteio ou umbral; 2 — fossa de implantação de umbral ou esteio (?); 3 — fossa de violação, no interior da câmara.}

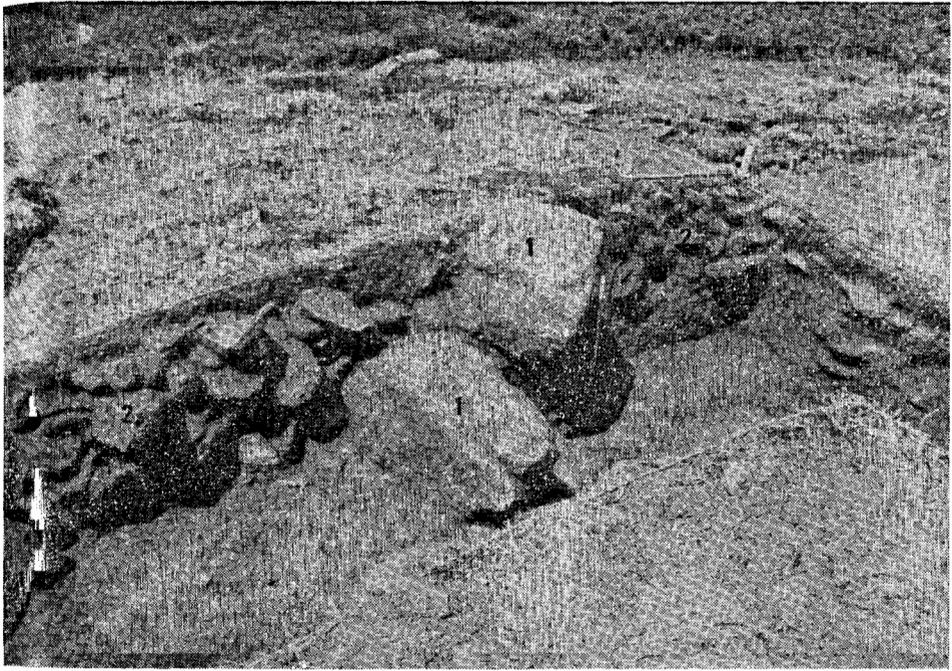


Fig. 8 — *Mamoá 4 de Meninas. Sanja sul, vendo-se uma parte do anel de reforço interno (1), a estrutura do cairn (2) e o nível enterrado subjacente (3).*



Fig. 9 — Mamoá 4 de Meninas. Sanja oeste. 1 — anel megalítico periférico; 2 — pedras do anel de reforço interno; 3 — troço muito bem conservado da estrutura do cairn.



Fig. 10 — Mamoa 4 Meninas. Aspecto da zona central do monumento, no fim das escavações, ao nível do saibro, mostrando negativos de estruturas que aí devem ter estado implantadas (foto tirada de SE)
v. *Arqueologia*, 7, p. 34, fig. 11).